



CONTEXTOS EPISTÊMICOS DESCOLONIAIS: desbravando fronteiras culturais – Resenha do livro *Fronteiras Culturais em Contextos Epistêmicos Descoloniais*

Viviani Cavalcante de Oliveira Leite¹ & Barbara Artuzo Simabuco²

Fronteiras Culturais em Contextos Epistêmicos Descoloniais é composto por apresentação e quatorze ensaios produzidos por diversos autores que participaram do Simpósio T-05, realizado entre os dias 28 e 30 de junho de 2017 na cidade de Foz do Iguaçu/PR, no I seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult, proposto por organizado por Prof. Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira³ e Prof. Dr. Edgar César Nolasco.⁴

Na apresentação intitulada “Fronteiras e exterioridades culturais em contextos descoloniais” os autores Prof. Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira e

¹ Viviani Cavalcante de Oliveira Leite é Mestre em Estudos de Linguagens pelo PPGMEL/UFMS e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC. Email: vivianicoleite@hotmail.com.

² Barbara Artuzo Simabuco é Graduanda do quinto semestre do curso de Letras da UFMS – Unidade Campo Grande e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC. Email: bsimabuco@gmail.com.

³ Professor Efetivo da UEMS - Unidade Campo Grande - no Curso de Graduação em Artes Cênicas, Doutor em Artes Visuais pelo IA-Unicamp. Coordena o NAV(r)E - Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas. É Editor-Assistente dos CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS.

⁴ Doutor em Literatura Comparada pela UFMG e pós-doutor em Estudos culturais pelo PSCC/UFRJ (2013); professor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Campo Grande-MS (Brasil). Coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC.

Prof. Dr. Edgar C zar Nolasco contextualizam a produ o do livro, que nasceu com o intuito de levar as discussões do simpósio a atravessarem fronteiras ainda mais distantes. Além disso, busca-se expandir a discussão apresentada no evento para as interioridades dos pensamentos modernos presentes em locais do Brasil onde circulam os discursos que podem ser considerados hegemônicos(Sudeste), levando “reflexões de diferentes lugares que tomam das suas próprias exterioridades como modos de produ o desconhecimento”⁵, contribuindo na compreensão de práticas que emergem desses lugares excluídos.

Os autores potuam que o livro e o simpósio partem da ideia de fronteira geográfica como “lugar de separa o [...] mas o têm também como local de aproxima o das diferenças e semelhanças entre os lugares, sujeitos e suas práticas artístico-culturais”.⁶ Assim, foram abordadas no es outras de fronteiras, como as epistemologicas, uma vez que:

[...] a fronteira   lugar onde nem sempre   promovido o ponto de partida discursivo de conceitos como e para a produ o de conhecimento e artísticos, por assim dizer, dos lugares onde essas fronteiras são situadas/estabelecidas.⁷

Assim, a especificidade fronteiriça   destacada pelos autores, bem como a necessidade de emergirem as discussões que as têm como lócus de produ o, deixando de serem vistas como uma interioridade do pensamento moderno europeu ou da globaliza o, mas passando a ser um local no qual emerge a produ o de conhecimentos pensados na exterioridade do pensamento hegemônico e cristalizado.

Alguns dos conceitos e teorias que perpassaram o simpósio e norteiam o livro são, de acordo com Bessa-Oliveira e Nolasco (2018): “*biogeografias*”, “crítica biográfica fronteiriça”, “discursos indígenas”, “literaturas de fronteira”, “integra o cultural”, “Fronteira”, “Território”, “Territorialidade”, “Literatura latino-americana”, “Exc trico”, “Espistemologias marginais”, “Bugres”, “Crítica

⁵ BESSA-OLIVEIRA; NOLASCO, Apresenta o: fronteiras e exterioridades culturais em contextos descoloniais, p. 06.

⁶ BESSA-OLIVEIRA; NOLASCO, Apresenta o: fronteiras e exterioridades culturais em contextos descoloniais, p. 06.

⁷ BESSA-OLIVEIRA; NOLASCO, Apresenta o: fronteiras e exterioridades culturais em contextos descoloniais, p. 07.

biográfica-fronteiriça”, “Crítica pós-colonial latina”, “Sensibilidades biográficas e locais”, “Subalternidade”, dentre outras mais que dialogam com a proposta apresentada.

Assim, os autores explanam sobre o cerne teórico no qual o simpósio foi estruturado, bem como a teorização efetuada pelos autores que colaboraram para as discussões efetuadas no decorrer do evento, tendo como produto o livro ora resenhado, que aborda as questões da fronteira, não apenas como local físico, conforme já explanado, por meio de diversos recortes epistemológicos.

Em “Integração cultural na escola latino americana de agroecologia”, os autores Andréa Marcia Legnani⁸ e Mauro José Ferreira Cury⁹ (2018) objetivam analisar a integração cultural que acontece nas práticas educativas da Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA), com foco na integração dos movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). De acordo com os autores a integração cultural:

[...] ultrapassa as fronteiras geográficas e os territórios formando uma nova territorialidade, com significados próprios sem sobrepor uma cultura sobre outra, construindo uma integração na troca de experiências e conhecimentos.¹⁰

Os autores contextualizam as origens da ELAA, resultado de um protocolo firmado entre a Via Campesina, os governos da Venezuela, do Brasil, do Estado do Paraná e instituições de ensino do Brasil e da Venezuela. Contextualizaram também a sua localização e objetivos: “A intenção dessa escola é envolver diretamente jovens camponeses para que participem na organização da produção, na cooperação e ações de preservação e conservação ambiental, nas diversas organizações camponesas da América Larina”.¹¹ Destacam que o curso de

179

⁸ Mestre em Sociedade Cultura e Fronteiras; Doutoranda do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* – Sociedade, Cultura e Fronteirsdunioeste; Pedagoga do Instituto Federal do Paraná; Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

⁹ Pós Doutorado em Geografia da Universidade Federal do Paraná. UFPR e em PatroMônio e Turismo Cultural pela Universitat de Barcelona. Professor adjunto C da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus Foz de Iguaçu.

¹⁰ LEGNANI; CURY, Integração cultural na escola latino americana de agroecologia, p. 14.

¹¹ LEGNANI; CURY, Integração cultural na escola latino americana de agroecologia, p. 15.

tecnologia em agroecologia oferecido pela ELAA se vale da pedagogia da alternância, a metodologia desenvolvida é a “Diálogo dos saberes” (Paulo Freire).

[...] um dos objetivos é propiciar aos educandos [...] uma formação que impulse o desenvolvimento de uma consciência integracionista, começando pelo conhecimento da história latino-americana, incentivando a participação ativa em suas comunidades e países de origem, na transformação da realidade latino-americana.¹²

De acordo com Legnani e Cury (2018) a metodologia utilizada foi, inicialmente, bibliográfica e documental e em uma segunda etapa o estudo foi realizado por meio de estudo de caso objetivando observações, a coleta de dados e a realização de entrevistas. Como resultados da pesquisa, os pesquisadores observaram a presença da cultura latino-americana nas atividades educativas: “As atividades desenvolvidas no Tempo Círculo da Cultura auxiliam na criação de uma identidade latino-americana [...]”.¹³ Dessa forma, vislumbram a possibilidade da integração cultural no presente contexto fronteiriço:

[...] entre desafio e possibilidade de integração, a cultura pode ser analisada como fator importante nos processos de integração, como destacado por Ricoborn (2010, p. 3746) “não com o objetivo de buscar a negação pela diferença, ou seja, sem sobreposição de culturas, mas sim pelo entrelaçamento dos variados aspectos culturais. Neste sentido, a integração cultural, na perspectiva da ELAA, acontece na troca de conhecimentos entre os educandos [...] Reconhece-se na sua cultura e conhece a cultura do outro num processo de respeito e valorização cultural dos diferentes países latino-americanos e Estados brasileiros”.¹⁴

Por meio dos dados levantados pelos pesquisadores evidenciou-se o entrelaçamento cultural na região fronteiriça na qual a Escola Latino Americana de Agroecologia está alocada, por meio do convívio de brasileiros e venezuelanos, utilizando uma concepção de integração cultural na qual esta é vista “como um processo social dos povos latino-americanos, pelo estabelecimento de uma sociedade única e ao mesmo tempo diversa, sem fronteiras geográficas e livres de qualquer tipo de preconceito”.¹⁵ Ainda no sentido da integração dos povos, os autores apresentam a seguinte conclusão:

¹² LEGNANI; CURY, Integração cultural na escola latino americana de agroecologia, p. 18.

¹³ LEGNANI; CURY, Integração cultural na escola latino americana de agroecologia, p. 19.

¹⁴ LEGNANI; CURY, Integração cultural na escola latino americana de agroecologia, p. 22-23.

¹⁵ LEGNANI; CURY, Integração cultural na escola latino americana de agroecologia, p. 23.

É possível concluir que as práticas educativas da ELAA se materializam como um instrumento de promoção da integração cultural, proporcionada pelo acesso à educação, que inicia com a possibilidade de ingresso de participantes de movimentos sociais de países da América Latina, o que possibilita a troca de conhecimentos e experiências, valorização da cultura de cada povo.¹⁶

Assim, os pesquisadores defendem, por meio de sua pesquisa, serem as atividades educativas realizadas na ELAA uma forma de integração e troca cultural, tendo em vista que a criação da escola advém de reivindicações feitas pelos movimentos sociais. Dessa forma, as atividades oferecidas pela instituição constituem uma forma de promoção da identidade e troca cultural dos integrantes desses movimentos sociais de países da América Latina.

Em “Augusto Roa Bastos e a representação do ex-cêntrico”, a Prof^aDr^a Damaris Pereira Santana Lima¹⁷ propõe um olhar sobre o escritor paraguaio, que passou grande parte da vida em exílio: “Roa Bastos é um dos representantes desta literatura de exílio na América Latina e um escritor universal. [...] O intelectual exilado vive de modo excêntrico, ele rompeu com seu passado e com sua história, tem uma nova história em construção”¹⁸, a posição do escritor a margem é destacada já no título por meio do “ex-cêntrico”.

A autora segue constextualizando quem é o autor, destacando que este produziu grande parte de sua obra no período de exílio. Bastos “se envolveu nas articulações políticas em favor da democratização do Paraguai”, e pode fazê-lo graças ao valor agregado a sua produção intelectual ao longo de sua trajetória.

Lima (2018) destaca o caráter “ex-cêntrico” da produção de Bastos, tendo em vista que, embora a obra do autor seja amplamente conhecida e esteja no centro da literatura espanhola, esta não perde o seu caráter marginal e o caráter periférico: “Para Roa, a obra literária tem o poder de recuperar as virtudes da identidade profunda de um povo”¹⁹. A autora relaciona essa ex-centricidade ao

¹⁶ LEGNANI; CURY, Integração cultural na escola latino americana de agroecologia, p. 23.

¹⁷ Doutora em Letras – Literatura – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

¹⁸ LIMA, Augusto Roa Bastos e a representação do ex-cêntrico, p. 27.

¹⁹ LIMA, Augusto Roa Bastos e a representação do ex-cêntrico, p. 29.

bios do autor, devido a sua condição de exilado e pertencente a um país que sofreu as dores de guerras e ditaduras.

O intelectual exilado deve ter o compromisso de expressar a literatura ausente, tentando recuperar aqueles textos apagados ou esquecidos, que ainda não foram escritos. Esta é a tarefa que Roa Bastos procura cumprir com sua narrativa ficcional, pois entende que a obra literária adquire valor pela verdade das representações que irradia, em sua concepção devendo transcender o estético e o compromisso de denúncia. Seu valor está nas significações de sua estrutura, na busca de uma forma não consciente de si mesma.²⁰

Dentro do compromisso firmado pelo autor Lima (2018) traz o livro *Hijo de hombre*, no qual Bastos colhe elementos de guerras vivenciadas por seu país natal e denuncia “a exploração econômica nos ervais, evidenciando a violência naqueles conflitos”²¹, situações que criaram um país que lutava pelo progresso, causando guerras, e ao mesmo tempo vivenciando a miséria, revoltas e a mixogênese por meio do contato com outros povos. Em seguida, a autora efetua apontamentos sobre o livro *El fiscal*, que tem a trama voltada a um exilado devido a ditadura no Paraguai, que é torturado e morto após tentar assassinar o ditador de seu país.

Após contextualizar o *corpus* escolhido para efetuar seus apontamentos, a autora segue tecendo uma análise que relaciona as duas obras à representação do ex-cêntrico. Em *Hijo de hombre*, Bastos traz a relação entre as ideias aborígenes e os ritos cristãos, a mescla de culturas e de línguas:

[...] nessa narrativa híbrida emerge a religião como veículo de transculturação, um dos exemplos de que a identidade paraguaia se constrói em um espaço onde as culturas lutam para se impor e, no entanto se fundem dando origem a uma nova visão de mundo.²²

Lima (2018), ressalta que a obra o autor utiliza a história de seu país para construir a narrativa e, ao dar voz ao sujeito da margem, ganha características pós-modernas. O intuito é destacar o caráter descentralizador da obra: “[...] A voz dada ao subalterno faz parte da desconstrução do discurso histórico oficial”.²³ Em

²⁰ LIMA, Augusto Roa Bastos e a representação do ex-cêntrico, p. 29.

²¹ LIMA, Augusto Roa Bastos e a representação do ex-cêntrico, p. 31.

²² LIMA, Augusto Roa Bastos e a representação do ex-cêntrico, p. 31.

²³ LIMA, Augusto Roa Bastos e a representação do ex-cêntrico, p. 32.

El fiscal, Lima (2018) pontua o contraste entre a oralidade do guarani em detrimento da escrita do castelhano, tocando no tema do exílio, que envolve a memória do povo paraguaio. A autora destaca o caráter de denúncia dos horrores sofridos durante o período ditatorial, pontuando o papel dessa literatura na construção da identidade nacional paraguaia ao mesmo tempo que aborda questões pertinentes a qualquer parte do mundo, o que torna a literatura de Bastos universal.

Por fim, a professora destaca que esse tipo de literatura, que expõe o sofrimento daqueles que perdem os seus direitos e foram subjulgados pelo poder, é uma das características “[...] da nova narrativa hispano-americana: a reescrita da história sob a lupa dos vencidos ou excluídos prevalecendo à versão oficial”.²⁴

Assim, Lima destaca a literatura “ex-centrica” de Bastos, nomeada dessa forma por possuir o reconhecimento de sua produção intelectual e ao mesmo tempo dar voz aos marginalizados por meio de sua ficção, abrindo espaço para a descentralização do conhecimento. Dessa forma, a professora dialoga com a proposta do simpósio que deu origem ao livro ora resenhado por meio de seu texto e suas explanações sobre Augusto Roa Bastos.

Em “Corpos bugrescos esculpidos a machado”, o Prof. Dr. Edgar César Nolasco propõe-se a tratar sobre a relação entre os “Bugrinhos”, confeccionados por Conceição dos Bugres, e as condições vivenciadas pelos povos indígenas residentes na fronteira-sul de Mato Grosso do Sul com os países limítrofes Bolívia e Paraguai.

O professor se vale da crítica biográfica fronteiriça para estabelecer uma relação metafórica entre Conceição dos Bugres e sua criação, igualmente, se vale dos conceitos de *sensibilidades locais*, *biolocus*, *bios*, *desobediência epistêmica*, entre outros, contextualizando a base teórica em relação ao objeto estudado no ensaio:

[...] quando levamos em conta na discussão teórica e crítica tanto a corpopolítica (homem fronteiriço, “bugres”, indígenas, brasiguaios, paraguaios, bolivianos, pantaneiros, entre outros), quanto a geopolítica (a fronteira-sul, por exemplo), contribuimos para uma guinada epistemológica fronteiriça e, o mais importante,

²⁴ LIMA, Augusto Roa Bastos e a representação do ex-cêntrico, p. 34.

podemos pensar e conceitualizar uma consciência fronteiriça específica do lócus em questão.²⁵

A citação acima indica o caminho teórico pelo qual o autor perpassa ao longo do artigo, pontuando quem são os condenados da fronteira: “sujeitos sualternizados da fronteira-Sul do estado de Mato Grosso do Sul com os países limítrofes Paraguai e Bolívia, tendo como sujeito que se destaca por sua condição de exclusão os indígenas”²⁶. Assim, considerando a situação de subalternidade e exclusão da população indígena local no qual está alocado, o autor escolheu os *Bugres* de Conceição a exemplo.

Com base em Mignolo, o autor explana sobre a obediência epistêmica (imposta pelo projeto da modernidade) e a necessidade do direito de *aprender a desaprender*, ressaltando que a saída dessa relação excludente entre o projeto moderno e os sujeitos fronteiriços seria a produção de “[...] um *fazer descolonial* que não endosse apenas a visada moderna nem os discursos de natureza hegemônica [...]”²⁷, lembrando ao leitor o local no qual está inserido: um sujeito que pensa e escreve na fronteira-Sul.

[...] é numa relação diferencial, de diferença colonial e não de “diferença” no sentido derridaiano do termo, que podemos alcançar e provocar uma quebra *epistêmico-discursiva descolonial*, como forma de rechaçar os postulados teórico-críticos do pensamento crítico moderno e sem desconsiderar os direitos epistêmicos, biográficos e históricos dos sujeitos “pensantes” condenados pelo sistema colonial moderno.²⁸

O autor passa a explicar a diferença entre pensamento colonial moderno e pensamento *fronterizo*, citando o livro *Os condenados da terra* (2013), de Frantz Fanon, pontuando o rechaçamento das sensibilidades biográficas e locais dos sujeitos subalternos pelo discurso hegemônico, tentando salvar o outro, com intenções messiânicas, porém, estes “[...] não contemplam o que é da ordem das

²⁵ NOLASCO, *Corpos Bugrescos Escupidos a Machado*, p. 41.

²⁶ NOLASCO, *Corpos Bugrescos Escupidos a Machado*, p. 42.

²⁷ NOLASCO, *Corpos Bugrescos Escupidos a Machado*, p. 43.

²⁸ NOLASCO, *Corpos Bugrescos Escupidos a Machado*, p. 46-47.

especificidades culturais e discursivas dessa cultura outra [...]”²⁹, destacando papel do intelectual, em sua exterioridade, de atingir os seus “direitos epistêmicos”.

Nolasco (2018) pontua que a obra de Conceição, ao ter seu valor estético apontado pela crítica, teve os alicerces fundadores de uma epistemologia outra afastados, por ignorarem o local e as condições de produção dos Bugres, tendo em vista que a obra vai muito além da questão estética uma vez que uma cultura fronteiriça foi desenhada nas peças.

No mesmo sentido, a obra de Hilton Silva, filho de Conceição, ganha destaque, pois deriva de um pensamento crítico e de consciência quanto ao *bios* do artista, de acordo com o professor: “[...] o trabalho de Hilton, como artista e filho, sinaliza o retorno dele a uma interioridade que, na verdade, pertence à exterioridade excluída pela boa estética moderna ocidental [...]”.³⁰, dessa forma, necessário se faz uma leitura assentada na opção descolonial para que se alcance esse *bios* e esse lócus.

Evoca-se o conceito derridiano de *arquivo*, uma vez que o quadro de Hilton está repleto de elementos presentes na casa de sua mãe, como os bugres e os santos, todavia para Nolasco (2018) diferentemente do conceito ora apontado, o artista não sofre de um esquecimento, mas lembra-se, mantém viva a sua história familiar por meio dos elementos que compõe sua arte, assim o quadro trazido no texto é um lembrete sobre a condição fronteiriça.

No que toca aos Bugres esculpidos por Conceição, foram continuados por Mariano Neto e, na concepção de Nolasco, mantém a questão do *bios* e do lócus fronteiriço, propondo um *aprender a desaprender*, conceito de Mignolo, uma vez que mantém a herança do pensamento ameríndio e fronteiriço, cultivando a memória bugresca: “Aqui na fronteira a ferida colonial está aberta e os povos indígenas não habitam suas terras prometidas”.³¹

Assim, o autor efetua apontamentos de forma crítica e ao mesmo tempo cuidadosa sob a produção de Conceição e também a de seus filhos, que simbolizam e rememoram as feridas e sensibilidades locais bem como marcam a

²⁹ NOLASCO, Corpos BugrescosEscupidos a Machado, p. 48.

³⁰ NOLASCO, Corpos BugrescosEscupidos a Machado, p. 54

³¹ NOLASCO, Corpos BugrescosEscupidos a Machado, p. 57-58

herança cultural advinda dos povos indígenas alocados na fronteira Sul do estado de Mato Grosso do Sul.

Em “Pensamento fronteiriço: nomadismo da teorização epistolar”, Francine Rojas efetua apontamentos com base em cartas publicadas do escritor Fernando Sabino nos livros *Cartas a um jovem escritor e suas respostas* (2003), *Cartas na mesa* (2002) e *Cartas perto do coração* (2011), com o objetivo de demonstrar que as epistolas possuem inúmeras fronteiras simultaneamente e convivem com estas, propondo uma teorização *epistolográfica*, baseada conceito de *teorização* cunhada por Mignolo.

A autora inicia pontuando quais elementos devem ser considerados para a empreitada: o lócus, o tempo etc. Assim, Rojas elegeu duas metáforas para pensar essa relação, quais sejam, o *pensamento nômade* “As cartas são textos híbridos e rebeldes a quaisquer identificações genéricas. Gênero literário indefinível, flutuam entre categorias vagas: arquivos, documentos, testemunhos”³² e *teorias itinerantes*: “refere-se as teorias que, ao saírem do lócus em que inicialmente foram concebidas, viajam pelas e *através* das fronteiras”.³³ Assim, Rojas propõe uma teorização levando em conta o seguinte:

[...] as cartas carregam as fronteiras dentro de si, sejam as epistemológicas, geográficas, textuais e/ou temporais. Imergir nelas é tão necessário quanto delas emergir, pois o nascimento da teorização epistolográfica funda-se *a partir* das fronteiras e de seus espaços liminares.³⁴

Após a contextualização apresentada a autora adentra no *corpus* escolhido pontuando o seguinte: “[...] As correspondências do escritor [Sabino], aos olhos do crítico e do leitor transparecem diversas características e diferenças entre si. [...]”³⁵. A autora traz trechos das cartas, com o intuito de destacar as diferentes estratégias utilizadas pelo autor de acordo com o destinatário da carta:

[...] se na primeira carta o autor se remete a Mário de Andrade assumindo papel de pupilo e discípulo, na segunda carta [enviada à Clarice Lispector] o tom já é mais

³² DIAS *apud* ROJAS, Pensamento fronteiriço: nomadismo da teorização epistolar, p. 63.

³³ ROJAS, Pensamento fronteiriço: nomadismo da teorização epistolar, p. 63.

³⁴ ROJAS, Pensamento fronteiriço: nomadismo da teorização epistolar, p. 64.

³⁵ ROJAS, Pensamento fronteiriço: nomadismo da teorização epistolar, p. 66.

ameno e notamos certo trabalho de ficcionalização, já na última carta, esta dirigida aos amigos de Minas, o tom empregado é mais descontraído ao mesmo tempo em que Sabino se atenta para o momento histórico vivido (ditadura militar) [...].³⁶

Rojas destaca o que vem após a carta (post scriptum) e sua relevância para a teorização epistolar: “Foi necessário o ‘fim da era epistolar’ [...] para que estudos sobre cartas de escritores iniciassem, dessa forma a crítica epistolar [...] é, desde seu início, tardia”.³⁷ O que a autora pontua é o fato de ter a prática minguido no século XX em sua forma tradicional.

Assim, a autora destaca por meio de seu texto a relevância das cartas como uma forma de conhecimento e passível de discussões epistemológicas, uma vez que essas se situam em local de fronteiras e emergem de um *bios*, merecendo uma *teorização* que se molde ao seu hibridismo e não a imposição de um molde teórico pronto e acabado.

Em “O espaço social e o tempo histórico na era global: entre dinâmicas culturais inclusivas e excludentes”, o professor James Washington Alves dos Santos³⁸ chama a atenção para o esvaziamento de sentido dos conceitos de Estado Nação e Estado Social em meados da década de 70 e suas consequências, “[...] O progresso se instaura então como discurso que reivindica ao Estado um controle e manipulação não pelo uso da força, mas pelo controle da vida e sociedade enquanto acesso aos direitos. [...]”.³⁹

De acordo com o autor como consequência da desqualificação do Estado em detrimento da economia surgem dois movimentos: “Pós-Modernismo: que coloca em xeque o Estado”⁴⁰ o “Revisionismo Histórico: que deslegitima o processo da modernidade”⁴¹, observa-se também a mudança de valores na sociedade. Após a

³⁶ ROJAS, Pensamento fronteiriço: nomadismo da teorização epistolar, p. 69.

³⁷ ROJAS, Pensamento fronteiriço: nomadismo da teorização epistolar, p. 69.

³⁸ Professor do Instituto Federal – Alagoas (IF-AL) e aluno de doutorado em Ciências Sociais pela UNESP, Araraquara, São Paulo.

³⁹ SANTOS, O espaço social e o tempo histórico na era global, p. 72.

⁴⁰ SANTOS, O espaço social e o tempo histórico na era global, p. 72.

⁴¹ SANTOS, O espaço social e o tempo histórico na era global, p. 72.

explicação do quadro histórico o autor pontua as mudanças ocorridas no poder com o transcurso do tempo:

Desta forma há uma modificação e ampliação do poder (que em cada época se especifica em força, portência e hegemonia) e hoje está alicerçada em corporações transnacionais com sua constituição moral, princípios e valores próprios. [...] Assim na segunda metade do século XX a noção de indivíduo ganha força, o poder do Estado se confina nos regimes totalitários de controle e o capitalismo enquanto sistema se fortalece. [...] Isso gera reflexos de dois tipos nas dinâmicas culturais: um inclusivo, que dentro do território vai exaltar o particular (negação do diverso, outro, migrante). Tendo como base uma forma específica de urbanização e mostra separação do multiculturalismo. E um excluyente que fomenta retiradas dos direitos sociais e econômicos com esvaziamentos de direitos e criação de espaços de exceção.⁴²

O autor utiliza essa retomada histórica como meio de contextualizar as mudanças políticas e sociais sofridas, bem como as mudanças em relação ao poder, cuja direção apontada por Santos (2018) é o alicerçamento em corporações transnacionais, seguindo a constituição moral, princípios e valores por elas instituídos.

Santos cita Karl Schmitt (2008) para demonstrar a ocorrência de uma revolução espacial radical, derivada de forças econômicas e políticas, contextualizando um movimento que culminou em um “[...] escaziamento da dimensão coletiva do senso da realidade social e da ideia de vida cívica [...] elementos que deveriam ser elevados à condição de ética [...]”.⁴³ O professor aponta o contraste entre o crescimento material em oposição ao progresso moral, que não se expande e a consequência desse processo:

[...] O poder material se oculta na miséria como algo brilhante e a miséria desta forma torna-se a persistência da desigualdade, justificada pela submissão, dominação e exploração que só se pode superar pelo processo de moralidade. [...] Há então uma queda no nível material: precário, insuficiente em relação a consumo de bens, saúde, educação, lazer e turismo, bem como a mudança dos modos de vida: mudança de valores e identidade coletiva (REYNIÉ, 2013). Isso gerou, segundo Jean Raspail (1973) problemas migratórios no que ele denomina “campo dos santos”, ou seja, uma invasão dos pobres e miseráveis ao ocidente, o que acaba por gerar uma política de tolerância zero, o que Luigi Rerrajoli (2011; 2013) chama de

⁴² SANTOS, O espaço social e o tempo histórico na era global, p. 73.

⁴³ SANTOS, O espaço social e o tempo histórico na era global, p. 74.

populismo penal, repressivo, violento e racista, de criminalização eletiva e fraca com os fortes.⁴⁴

O autor destaca, portanto, as dores causadas pela modernidade e a consequência do defasamento do progresso moral em relação aos pobres e miseráveis, culminando no prestígio daqueles que obtém sucesso na vida privada e o estranhamento em relação ao outro, processo cada vez mais comum devido a facilitação proporcionada em decorrência do avanço dos meios de transporte:

[...] como a criação da figura do empresário, empreendedor de si mesmo, que rompe com os vínculos sociais por meio do sucesso, das questões habituais e da solidão pessoal, migramos para a tendência em privilegiar a expansão do capital particular e o emprego da alta performance. [...] O seu sentido agora é a busca por prestígio e poder sendo a sua finalidade particular e privada. Haverá em meio a estas circunstâncias o medo da presença do outro [...] Para amenizar este impacto vem o surgimento de políticas securitárias, discriminatórias e racistas, o que Zigmunt Bauman (2005, 2008) chama de “mixofobia” e Maximo Recalcati (2015) de “retorno aos mitos”, ou seja, as origens, aos modos de vida ditos verdadeiros e ligados aos antepassados como negação do multiculturalismo.⁴⁵

O problema pontuado pelo autor ante a criação de políticas securitárias com o intuito de afastar o outro está em voga nos dias atuais, pois a questão migratória tem sido uma das principais em todos os continentes.

Em seguida o autor adentra no cosmopolitismo explicando que “[...] o capital é o principal agente/força que gerou a cosmopolitização”.⁴⁶ De acordo com Santos (2018) atualmente a cosmopolitização não é nem religiosa e nem filosófica, mas da ordem do factual e é causa da desnacionalização, bem como um obstáculo para a construção coletiva voltada para a comunidade.

O autor critica o aparecimento de uma atitude anti-pluralismo, o surgimento de elites prejudiciais e o uso de meios digitais para promover a sensação de participação popular, assim as entidades populares enfraquecem e surge um populismo como elemento “[...] que desqualifica e nega a importância das instituições intermediárias da democracia representativa: sindicatos e partidos,

⁴⁴ SANTOS, O espaço social e o tempo histórico na era global, p. 75.

⁴⁵ SANTOS, O espaço social e o tempo histórico na era global, p. 76.

⁴⁶ SANTOS, O espaço social e o tempo histórico na era global, p. 77.

reinvidicando para si o monopólio da representação popular”.⁴⁷ Cria-se assim um homem voltado para a subjetividade e o individualismo:

[...] Desenvolveu-se um eu livre, capaz de formar uma espécie de homo economicus (inventivo, criativo, capaz de controlar emoções e sentimentos, de produzir uma mentalidade da escolha racional, eficaz, eficiente como gestora, empreendedora de si mesma), permanente em expandir ilimitadamente a subjetividade.⁴⁸

Dessa forma, o autor cumpre com o objetivo do texto, qual seja “mostrar como as relações sociais se modificaram junto com as mudanças nas noções de espaço social e tempo histórico, globalização, cosmopolitismo, populismo e xenofobia”,⁴⁹ costurando as mudanças ocorridas em relação ao poder e aos valores sociais com as questões da fronteira (não apenas territorial), uma vez que a forma cujos “outros” são tratados advém das mudanças de valores, privilegiando o eu, assim as questões pertinentes ao social ficam em segundo plano, abrindo uma brecha para o surgimento da xenofobia e a aversão ao outro.

Em “A descoberta do mundo: a proposta de uma cronista *perceptora* em Clarice Lispector”, a pesquisadora Joyce Alves⁵⁰ aborda o perfil de Lispector como *perceptora* enquanto cronista, pontuando que esta: “[...] parece estar mais próxima à nossa realidade do que se imagina. Principalmente no sentido de que ela despoja das condecorações para estar mais perto do marginal e do periférico do que do institucional e do acadêmico”⁵¹, identidicando a literatura Clariciana como humanizadora e não rotulável e exemplificando a percepção por meio de entrevista concedida por Clarice em 1977 na qual se declara uma escritora amadora.

Alvez (2018) pontua as relações de diferenças e as especificidades de cada lugar epistemológico exemplificando por meio da crônica “Intelectual, Não”, na

⁴⁷ SANTOS, O espaço social e o tempo histórico na era global, p. 80.

⁴⁸ SANTOS, O espaço social e o tempo histórico na era global, p. 82.

⁴⁹ SANTOS, O espaço social e o tempo histórico na era global, p. 84.

⁵⁰ Doutora em letras (Literatura Comparada) pela Universidade Estadual de Londrina – UEL.

⁵¹ ALVES, A descoberta do mundo: a proposta de uma cronista *perceptora* em Clarice Lispector, p. 89.

qual Lispector “parece rejeitar o rótulo de intelectual”⁵², expondo a percepção peculiar da autora. Baseada em Calvino, a autora destaca rapidez do gênero crônica e seus efeitos na obra *Clariciana*:

Para Calvino, não se trata apenas de pensar numa velocidade física, mas em relacionar a velocidade física e a mental. E eu diria que isto é possível quando o intelectual que percebe as manifestações culturais ao seu redor tem vínculo com o local da cultura em questão e que se reconheça nele. No caso das crônicas clariceanas, a urgência está diretamente ligada aos problemas sociais, especialmente no que se refere à fome, apontado pela cronista como um câncer da sociedade. Tal incômodo surge pela identificação humana de quem também sente fome. A questão, contudo, está na falta do que comer para as pessoas pertencentes ao grupo dos desprivilegiados. Grupo este em que Clarice Lispector não estava incluída, mas a cronista se via impelida a jogar a luz sobre os miseráveis e morimbundos nos becos da Cidade Maravilhosa.⁵³

Alves (2018) continua tecendo argumentos sobre a questão da fome, baseando-se em Josué de Castro em seu livro *Geografia da fome* (1960), pontuando o fato deste assunto parecer estar distante da realidade não apenas no mundo afora, mas na região Sudeste, na qual a fome “se manifestava de forma mais ‘discreta, oculta’”⁵⁴, ao contrário do que ocorria/ocorre no norte e no nordeste. Assim, destaca que Lispector utilizara, dentre outras obras, as crônicas para tecer críticas em relação a fome.

A autora aborda a alteridade epistêmica (com base nos preceitos de Mignolo), sendo esta “[...] o aspecto que precisa ser levado em consideração quando se trata da percepção do escritor em relação ao outro subalterno [...]”⁵⁵ destacando “[...] o pensamento liminar como uma forma de ruptura com as

⁵² ALVES, A descoberta do mundo: a proposta de uma cronista preceptora em Clarice Lispector, p. 89.

⁵³ ALVES, A descoberta do mundo: a proposta de uma cronista preceptora em Clarice Lispector, p. 92-93.

⁵⁴ ALVES, A descoberta do mundo: a proposta de uma cronista preceptora em Clarice Lispector, p. 92.

⁵⁵ ALVES, A descoberta do mundo: a proposta de uma cronista preceptora em Clarice Lispector, p. 93.

propostas advindas do sistema mundial moderno [...]”.⁵⁶ Assim, no entendimento de Alvez (2018), Lispector assume o papel de *preceptora* ao reconhecer o problema da fome em um momento no qual o preconceito estava arraigado na sociedade carioca devido a influência do pensamento moderno e da cultura capitalista norte americana.

Assim, destaca-se que o livro *A descoberta do mundo* possui diversas crônicas nas quais o problema da fome é tratado “[...] seja a fome de comida ou a fome de respostas para as perguntas da cronista”.⁵⁷ De acordo com a pesquisadora Clarice não tratou a população desprivilegiada como invisíveis, tratando da doença social em seus escritos, indo na contramão da cultura da invisibilidade existente em sua época. A importância da denúncia feita por Lispector é explanada:

[...] Um povo faminto não tem forças para reivindicar direitos morais e intelectuais. [...] A sualternização de saberes impulsionada pelo projeto cultural moderno limitou a capacidade das pessoas no que se refere à compreensão de que o pouco que se tinha não era suficiente. Por isso, a cronista engajada provoca a consciência do leitor de modo tímido, mas ousado, no sentido de fazê-lo reconhecer-se como parte deste constructo. O caráter preceptor da cronista consiste exatamente no vínculo estabelecido entre sua própria percepção e a percepção do leitor à realidade que os circunda. O que vincula humaniza, e o que humaniza sugere a ruptura com a subalternização de conhecimento e reconhece a diferença [...].⁵⁸

192

Assim, a autora sustenta o proposto para seu texto, contextualizando Lispector como *preceptora* enquanto cronista, por meio de seu recorte epistemológico, pontuando como o olhar de Clarice para os menos favorecidos e sua saída da zona de conforto influência em sua produção textual e como a autora reflete sobre a questão subalterna do miserável, tratado como invisível e como causador de desconforto aos que não estão em situação famélica.

⁵⁶ ALVES, A descoberta do mundo: a proposta de uma cronista preceptora em Clarice Lispector, p. 93.

⁵⁷ ALVES, A descoberta do mundo: a proposta de uma cronista preceptora em Clarice Lispector, p. 94.

⁵⁸ ALVES, A descoberta do mundo: a proposta de uma cronista preceptora em Clarice Lispector, p. 96-97.

Em “Fronteiras, migrações e multiculturalidade: um pedaço do Oriente Médio na fronteira sul brasileira” os autores Luciano Alexandrino dos Santos Junior⁵⁹, Gustavo Henrique Barbosa da Silva⁶⁰ e José Carlos da Silva Cardozo⁶¹ iniciam o texto contextualizando a imigração palestina e a condição deste povo, propondo-se a discorrer sobre o estudo da cultura árabe, a migração do povo palestino e as transformações ocasionadas no extremo sul brasileiro, destacando a “importância e contribuição da cultura árabe decorrente da imigração palestina na região fronteira e sua capacidade de transformar a concepção de fronteiras de uma região [...] insegura para um local de cooperação e coexistência cultural”⁶² dentro da América Latina.

Os autores passam a explicar o conflito entre Palestina e Israel, causador da diáspora do povo Palestino. A justificativa pela escolha da América Latina reside no fato de esta ser um destino que torna possível a liberdade cultural e religiosa, não encontrada em países Europeus e até mesmo em alguns países Árabes.

Nas fronteiras os povos Árabes desenvolvem seus negócios (o comércio é destacado como uma das principais atividades), de acordo com os autores “a presença dos palestinos e demais imigrantes orientais possuem uma enorme relevância no comércio e desenvolvimento local, caracterizando-as como fronteiras em expansão e com múltiplas identidades étnicas”,⁶³ fato que permite pensar na multiculturalidade da fronteira em decorrência da cultura árabe, proposta no ensaio.

193

⁵⁹ Graduando do curso de Relações Internacionais, quinto semestre; Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul.

⁶⁰ Graduando do curso de Relações Internacionais, sétimo semestre; Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul.

⁶¹ Pós-Doutor em História Latino-Americana pela UNISINOS; professor substituto do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul.

⁶² JÚNIOR; SILVA; CARDOZO, Fronteiras, migrações e multiculturalidade: Um pedaço do oriente médio na fronteira sul brasileira, p. 105.

⁶³ JÚNIOR; SILVA; CARDOZO, Fronteiras, migrações e multiculturalidade: Um pedaço do oriente médio na fronteira sul brasileira, p. 110.

Júnior, Silva e Cardozo (2018) trazem elementos da cultura árabe, que de modo geral possui valores tradicionais, estrutura patriarcal. As mulheres possuem algumas restrições e seguem regras de conduta e de vestimenta (como o uso de tecido que cobre a cabeça), sendo a religião majoritária o Islamismo. A língua é apontada como um elemento de união entre os países árabes, sendo falada no dia a dia nas regiões de fronteira, como as cidades de Chuí-Chuy, local onde há reuniões e encontros onde a cultura árabe é manifestada, por vezes ocorrendo a integração com brasileiros e uruguaios.

À partir dos apontamentos relacionados ao modo de vida dos Árabes, a liberdade para constituírem família, desenvolver seus negócios e terem suas crenças respeitadas na região de fronteira abordada no ensaio, os autores demonstram com sucesso a multiculturalidade e a integração cultural dos povos, uma vez que estes convivem com respeito e dignidade, dividindo o mesmo espaço.

Em “BIOgeografias na Fronteira Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)” Marcos Antônio Bessa-Oliveira propõe uma leitura crítica das produções artísticas de Mato Grosso do Sul desde 1977 (quando ocorreu a divisão do Estado do Mato Grosso) até hoje, ressaltando que a noção de “cultura do boi” ou “cultura bovina” do/no MS a ser tratada por ele, como já sinalizado no título deste texto, também está atravessada pela produção artística da tríplice fronteira Brasil/Paraguai/Bolívia. Segundo o autor:

Vários artistas em Mato Grosso do Sul produzem argumentados em estruturas de memórias e histórias artísticas Ocidentais – clássicas e modernas – trazendo à tona um fazer artístico que se limita em (re)produzir o passado no presente. Já outros artistas locais produzem tomando da memória biográfica de cada um para ressaltar características do espaço geográfico sul-mato-grossense, sem priorizar memórias e histórias antigas.⁶⁴

Nesta perspectiva, o crítico propõe tratar de produções e artistas que estão produzindo memórias e histórias como também daqueles que estão apenas reproduzindo-as no presente. Bessa-Oliveira faz um recorte de quatro décadas (1977-2017) de arte em Mato Grosso do Sul em que a temática do

⁶⁴ BESSA-OLIVEIRA. BIOgeografias na Fronteira Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia, p. 119.

bovinoculturismo foi inaugurada como “estilo” na produção artística local de Mato Grosso do Sul.

Assim, o autor incorporou e analisou em seu texto, três imagens da série de pinturas “Divisão de Mato Grosso” do artista plástico Humberto Espíndola que “apresentaram à produção artística local o que veio constituir-se como um “estilo artístico” para as práticas artísticas locais em quase todas as linguagens e até para a produção crítica sobre a arte local que sempre a endossou”⁶⁵. Em suma, o estudioso discutiu em seu artigo:

[...] acerca da “cultura *do* boi” e da “cultura *de* boi” em Mato Grosso do Sul na tríplice fronteira como *repositório* cultural e como *repositório* de cultura como controle da cultura local sul-mato-grossense nesse espaço histórico e geopolítico (Brasil/Paraguai/Bolívia), a partir da noção de biogeografia e paisagens biográficas como epistemes para uma arte descolonial.⁶⁶

Em “Música, memórias e trânsitos decoloniais na Amazônia Acreana” os autores Maria Cristina Lobregat, Arthur José de Souza Martins e Joana de Oliveira Dias propuseram uma pesquisa de campo na qual colheram depoimento e pesquisaram teóricos por meio dos quais buscaram compreender a importância da experiência e da memória nas relações, vivências e práticas culturais. O texto exprime experiências de um projeto desenvolvido pelo grupo “Azougue: ateliê de pesquisa e extensão em artes, vinculado à fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Acre (FAPAC) e intitulado “Memórias Musicais vivas na Amazônia Acriana”.

Fundamentados pela narrativa oral (depoimento) do senhor Francisco Dalerbã, conhecido como “Chiquinho da guitarra”, os autores explicitam a diferença entre o tocador, que seria o autodidata e/ou o que aprende e toca de ouvido, e o músico que seria o que toca a partir da leitura da partitura e que aprende na/com a instituição, observando que “a identidade dos tocadores é

⁶⁵ BESSA-OLIVEIRA. BIOgeografias na Fronteira Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia, p. 119.

⁶⁶ BESSA-OLIVEIRA. BIOgeografias na Fronteira Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia, p. 141.

ressaltada na narrativa de vida, mas o conhecimento que possuem não é valorizado pelas instituições”.⁶⁷ Lobregat, Martins e Dias buscam:

Ativar um alerta aos imaginários construídos a partir dessa indústria escriturística à qual se refere Certeau. Portanto atribuir nomes e qualificar as práticas com as quais dialogamos continua uma questão em aberto, com perguntas sem resposta, ambigüidades e contradições, portanto, um exercício criativo de desaprendizado dos mecanismos hegemônicos de dominação.⁶⁸

Nexta perspectiva, embasados em teóricos, como por exemplo, Mignolo, Certeau, Glissant, entre outros, os autores buscaram vislumbrar os caminhos de saberes descoloniais a partir dos quais nasceram diálogos escritos, como o estabelecido com Dalerbã, que os permitiram compreender que os esteios que sustentam a aprendizagem de seu Chiquinho se firmam em uma relação intuitiva com a música em que o músico se torna instrumento pelo qual a música flui e cria fissuras no conhecimento letrado imposto como verdade. Assim, ao saberes de seu Chiquinho não podem ser compreendidos intelectualmente e/ou analiticamente.

Em “Crítica Biográfica Fronteiriça: Epistemologias Descoloniais” os autores Pedro Henrique Alves Medeiros e Edgar César Nolasco iniciam o artigo traçando um breve percurso desde a pós-colonialidade até a crítica biográfica fronteiriça na atualidade, explicando a necessidade de se compreender a confluência da pós-colonialidade com a crítica biográfica para o entendimento do que é a crítica biográfica fronteiriça. Assim, os autores se valem dos *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS* e do livro *Perto do coração selbaje da crítica fronteiriça* de Nolasco, entre outros, para embasar suas leituras teóricas. Segundo Medeiros e Nolasco:

As histórias locais dos povos latino-americanos, principalmente os fronteiriços, foram relegadas ao esquecimento em função de relações coloniais, dos processos universalizantes [...] Diante desse cenário de exclusão e hegemonias, a pós-colonialidade surge como alternativa crítica para as relações coloniais, de poder dos centros para as margens.⁶⁹

⁶⁷ LOBREGAT; MARTINS; DIAS. Música, memórias e trânsitos decoloniais na Amazônia Acreana, p. 157.

⁶⁸ LOBREGAT; MARTINS; DIAS. Música, memórias e trânsitos decoloniais na Amazônia Acreana, p. 162 – 163.

⁶⁹ MEDEIROS; NOLASCO. Crítica Biográfica Fronteiriça: Epistemologias Descoloniais, p. 170.

Nesta perspectiva, os autores argumentam que Edgar C ezar Nolasco percorreu, conceitualmente, os estudos fronteiriços latino-americanos para cunhar a rubrica Crítica biográfica fronteiriça e o termo biol cus, ressaltando que tais teoriza es consideram a importância de se pensar a partir do bios e do lócus. Assim, a proposta de Medeiros e Nolasco se sustentou na afirma a de que “o Brasil e, sobretudo, os loci fronteiriços produzem teoriza es”⁷⁰ das quais os críticos e teóricos latino-americanos devem se valer ao invés de se fecharem em teorias viajantes que ignoram suas histórias.

Em “O papel do debate pós-colonial para a emergência de uma ciência proposta por intelectuais indígenas” Priscila da Silva Nascimento e Adan R. Moreira Martins, propuseram discurtir no artigo, de uma maneira introdutória, o ato para o qual alguns indígenas se propõe de construir uma epistemologia própria que dialoga, se opõe e muitas vezes amplia a ciência tradicional. Os autores fazem um breve relato histórico do paradigma investigativo indígena, o qual nomeiam também de ciência nativa, que segundo eles começou a emergir na década de 1960 em países como África do Sul, Nova Zelândia, Austrália, Estados Unidos e Canadá.

Em seguida relatam sobre a consolida a de um paradigma investigativo indígena, para o qual, segundo eles, “o final da década de 1990 foi o ponto chave para que as reflexões epistemológicas realizadas por indígenas se firmassem como formas de conhecimentos válidas dentro dos ambientes universitários, sobretudo os de língua inglesa⁷¹. Por fim, Nascimento e Martins discorrem sobre os aspectos constitutivos do paradigma investigativo indígena que tem como bases fundamentais a no a de relacionalidade de maneira que a realidade   concebida enquanto totalidade.

Em suma, os autores partem da premissa de uma leitura descolonial que busca extrapolar a “questão do acesso ao conhecimento ci ntifico por parte dos/as indígenas e discutir a contribui a epistemológica de alguns deles/as para o que

⁷⁰ MEDEIROS; NOLASCO. Crítica Biográfica Fronteiriça: Epistemologias Descoloniais, p. 186.

⁷¹ NASCIMENTO; MARTINS. O papel do debate pós-colonial para a emergência de uma ciência proposta por intelectuais indígenas, p. 195.

reconhecemos como uma ciência nativa”⁷² com a finalidade de indicar uma nova forma de se fazer compreender a ciência desprezando-se de certos modismos teóricos acadêmicos que muitas vezes expressam muito pouco a realidade de vida do próprio pesquisador.

Em “Objetos de memória como referência da diversidade cultural” Rita de Castro Engler, Ana Célia Carneiro Oliveira, Nadja Maria Mourão e Rosilene Conceição Maciel iniciam o artigo desconstruindo o senso comum de que história e memória seriam sinônimas e explicam suas diferenças. A proposta de pesquisa das autoras é refletir a respeito dos brinquedos enquanto “objetos de memória, estudo e identificação dos laços culturais entre diferentes povos, que possam servir como base para propostas educacionais que considerem tradições e valores sociais de forma lúdica”⁷³.

Para tanto, as pesquisadoras se valem do pião enquanto enquanto brincando e forma de brincar para ilustrar a discussão. Assim, Engler, Oliveira, Mourão e Maciel tomam o pião como brinquedo e objeto de memória e de educação intercultural e defendem a relevância de se pesquisar tal brinquedo/brincadeira afirmando que “conhecer-lhes as origens, as trajetórias e as influências entre os povos é uma forma de refletir a própria identidade no processo de alteridade, na relação com o outro e no pertencimento a um grupo social”⁷⁴.

198

Dessa maneira, as autoras discorrem sobre os aspectos históricos desde a origem pião que segundo elas pode ser atribuída aos povos primitivos, culturas africanas ou indígenas, porém existem algumas incertezas a respeito de sua origem remota, no Brasil foi introduzido pelos colonizadores portugueses. Com base em resultados parciais da pesquisa, uma vez que a mesma não foi finalizada, as pesquisadoras afirmam que:

⁷² NASCIMENTO; MARTINS. O papel do debate pós-colonial para a emergência de uma ciência proposta por intelectuais indígenas, p. 190.

⁷³ ENGLER; OLIVEIRA; MOURÃO; MACIEL. Objetos de memória como referência da diversidade cultural, p. 207.

⁷⁴ ENGLER; OLIVEIRA; MOURÃO; MACIEL. Objetos de memória como referência da diversidade cultural, p. 207 – 208.

a partir dos dados pesquisados e oficinas desenvolvidas com crianças, confirmou-se que na brincadeira, a criança experimenta inúmeras sensações que poderão ser usadas na sua vida cotidiana, além de desenvolver sua identidade e reconhecer o semelhante. Em culturas diferenciadas, os brinquedos são apoio ao desenvolvimento psíquico, social, afetivo e criativo na formação do indivíduo.⁷⁵

Nesta perspectiva, as autoras propõem um aprofundamento dos dados registrados na pesquisa, com o objetivo de se criar novos métodos educacionais utilizando-se de objetos de memória, como exemplificado com o brinquedo (pião), enquanto recursos didáticos interdisciplinares e transdisciplinares que contempla a diversidade cultural, impactando, assim, a qualidade de vida e o reconhecimento de si mesmo.

Em “Lobivar Matos: crítica biográfica fronteiriça” Washington Batista Leite e Edgar César Nolasco apresentam um breve resumo de uma pesquisa desenvolvida no mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em que se dispuseram realizar uma leitura de cunho ensaístico biográfico crítico do escritor Lobivar Matos tendo como base suas obras: *Areôtorare: poemas boróros* (1935) e *Sarobá: poemas* (1936) e como embasamento teórico os pressupostos da crítica biográfica e dos estudos pós-coloniais. Os autores afirmam:

Em nossa leitura das poesias lobivarianas, ressaltamos que a discussão perpassa sobre um cenário esquecido e marginalizado, rico em fazeres culturais e artísticos. O poeta narrou, em suas duas obras, fatores artísticos com excelência, o que, por sua vez, seja uma estratégia crítica e política do escritor em descolonizar a arte na sua época, que seguia uma singularidade no modo de ler, imposta pelo discurso colonial moderno.⁷⁶

Nesse sentido, a proposta dos autores está fundamentada em uma leitura descolonial que prioriza tanto o falar “a partir de” segundo propõe o crítico pós-colonial Walter Dignolo quanto as sensibilidades bioculturais à esteira de Nolasco, ou seja, tal proposta considera o bios e o lócus a partir dos quais emergem as obras estudadas (vida/obra/teoria do biografado) como também dos quais emergem as teorias e o ensaio proposto (vida/obra/teoria do biógrafo). Os autores

⁷⁵ ENGLER; OLIVEIRA; MOURÃO; MACIEL. Objetos de memória como referência da diversidade cultural, p. 214.

⁷⁶ LEITE; NOLASCO. Lobivar Matos: crítica biográfica fronteiriça, p. 220.

finalizam a proposta de ensaio ressaltando a importância de se pensar a arte do corumbaense Lobivar Matos que “soube repretar a arte em forma de poesia, materializando o cotidiano e as feridas de um passeio descrito com toda leveza de uma vida à deriva, uma vida ao Sul”.⁷⁷

Em “Aspectos culturais na obra: “Ponta Porã – Polca, churrasco e chimarrão” de Elpídio Reis” Zélia R. Nolasco dos S. Freire inicia seu artigo expondo o objetivo do projeto que implica em expandir o conhecimento sobre a literatura de Mato Grosso do Sul, inscrevê-la em um cenário nacional e incentivar estudos e análises a respeito de escritores sul-mato-grossenses que são pouco conhecidos em seu próprio Estado. Segundo Freire:

Este trabalho é fruto de um projeto que desenvolvo na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), cadastrado junto à Propp, que se intitula “manifestações Literárias no Estado de Mato Grosso do Sul”, projeto esse que visa a inserção da literatura e da cultura regionais na sociedade e na comunidade acadêmica de Dourados [...] justificou-se principalmente em razão de procurar atender o Parecer 235/2006 do Conselho Estadual de Educação do MS, aprovado em 10/10/2006 que dispunha sobre a inserção da literatura e cultura regionais nos parâmetros curriculares do Estado.⁷⁸

Entretanto, a professora Zélia atenta para o fato de que apesar do Parecer 235/2006 detereminar a inserção da literatura e cultura regionais nos PCNs do estado de Mato Grosso do Sul, em 2016 o Governo de MS retirou a disciplina de literatura da grade curricular do Ensino Médio e reitera, embasada em uma fala de Émile Zola, que os governos querem a literatura bem longe da formação dos alunos porque ela representa um poder fora de seus controles. Freire empreende uma leitura da obra “Ponta Porã – Polca, churrasco e chimarrão” em que inicia com uma breve biografia de seu autor Elpídio Reis e por meio da qual aproxima Reis do escritor Hélio Serejo afirmando que ambos “contribuíram sobremaneira para o fortalecimento de uma literatura regional sul-mato-grossense e pode-se dizer também de uma literatura fronteiriça”.⁷⁹

200

⁷⁷ LEITE; NOLASCO. Lobivar Matos: crítica biográfica fronteiriça, p. 226.

⁷⁸ FREIRE. Aspectos culturais na obra: “Ponta Porã – Polca, churrasco e chimarrão” de Elpídio Reis, p. 229.

⁷⁹ FREIRE. Aspectos culturais na obra: “Ponta Porã – Polca, churrasco e chimarrão” de Elpídio Reis, p. 238.

Assim, a autora conclui suas reflexões destacando a importância da obra escolhida para se reconhecer o escritor Elpidio Reis enquanto um dos representantes da literatura e da cultura sul-mato-grossenses, uma vez que, “conhecer os escritores regionais é tarefa importante que contribui para o fortalecimento de uma cultura e o MS tem uma identidade própria e uma literatura representativa”⁸⁰. Nesta perspectiva, Freire explicita a intenção de seu projeto em incentivar leituras e análises de autores sul-mato-grossenses por parte de alunos e professores do MS.

Os textos que compõem o livro: *Fronteiras Culturais em Contextos Epistêmicos Descoloniais* trouxeram à tona discussões e propostas epistêmicas *outras* por meio de conceitos descoloniais *outras* que emergem de fronteiras geográficas e culturais. Tendo em comum o recorte teórico (opção descolonial) os autores tratam da pluriversalidade contrapondo a ideia de universalidade imposta pelo pensamento ocidental. Propondo dessa maneira, ressaltar a relevância de histórias locais e de saberes *outras*, tão caros ao pensamento fronteiriço, para se pensar e produzir epistemologias que possam ler as produções fronteiriças.

201

REFERÊNCIAS

BESSA-OLIVEIRA, Marcos; NOLASCO, Edgar César. Apresentação: fronteiras e exterioridades culturais em contextos descoloniais. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 05-12.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. BIOgeografias na Fronteira Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia). In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 115 – 146.

ENGLER, Rita de Castro; OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro; MOURÃO, Nadja Maria; MACIEL, Rosilene Conceição. Objetos de memória como referência da diversidade cultural. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras**

⁸⁰ FREIRE. Aspectos culturais na obra: “Ponta Porã – Polca, churrasco e chimarrão” de Elpidio Reis, p. 240.

culturais em contextos epistêmicos descoloniais. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 203 - 218.

FREIRE, Zélia R. Nolasco dos S. Aspectos culturais na obra: “Ponta Porã – Polca, churrasco e chimarrão” de Elpídio Reis. In: BESSA-OLIVEIRA. Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais.** Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 219 - 228.

LEGNANI, Andréa Marcia; CURY, Mauro José Ferreira. Integração Cultural na Escola Latino Americana de Agroecologia. In: BESSA-OLIVEIRA. Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais.** Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 13-26.

LEITE, Washington Batista; NOLASCO, Edgar César Nolasco. Lobivar Matos: crítica biográfica fronteiriça. In: BESSA-OLIVEIRA. Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais.** Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 219 - 228

LIMA, Damaris Pereira Santana. Augusto Roa Bastos e a representação do ex-cêntrico. In: BESSA-OLIVEIRA. Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais.** Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 27- 32.

LOBREGAT, Maria Cristina; MARTINS, Arthur José de Souza; DIAS, Joana de Oliveira. Música, memórias e trânsitos decoloniais na Amazônia Acreana. In: BESSA- OLIVEIRA. Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais.** Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 147 – 166.

MEDEIROS, Pedro Henrique Alves; NOLASCO, e Edgar César. Crítica Biográfica Fronteiriça: Epistemologias Descoloniais. In: BESSA-OLIVEIRA. Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais.** Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 167 – 188.

NASCIMENTO, Priscila da Silva; MARTINS, Adan R. Moreira. O papel do debate pós-colonial para a emergência de uma ciência proposta por intelectuais indígenas. In: BESSA-OLIVEIRA. Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais.** Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 189 - 202.

NOLASCO, Edgar César. Corpos bugrescos esculpidos a machado. In: BESSA-OLIVEIRA. Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais.** Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 33-60.

ROJAS, Francine. Pensamento fronteiriço: nomadismo da teorização epistolar. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 61-70.

SANTOS, James Washington Alves dos. O espaço social e o tempo histórico na era global. Entre dinâmicas culturais inclusivas e excludentes. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 71-88.

ALVES, Joyce. A descoberta do mundo: a proposta de uma cronista preceptora em Clarice Lispector. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 89-102.

JUNIOR, Luciano Alexandrino dos Santos; SILVA, Gustavo Henrique Barbosa da; CARDOZO, José Carlos da. Fronteiras, migrações e multiculturalidade: Um pedaço do oriente médio na fronteira sul brasileira. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos; NOLASCO, Edgar César (org). **Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018. p. 103-114.

Resenha Recebida em 03 de dezembro de 2019.

Resenha Aceita em 29 de dezembro de 2019.

203